

# LUZ & CENA

## Festival de Verão Salvador 2013

Vídeo mapping e novo projeto de iluminação marcam 15ª edição do evento



**Ivete Sangalo**

Luz assimétrica é destaque em novo show

entrevista especial

**Abel Gomes**

Carreira e projetos na visão do renomado cenógrafo

Editora Música & Tecnologia



R\$ 8,00

ANO XVI - fevereiro 2013 - Nº 163  
www.luzecena.com.br

**Operação de Vídeo**

Conhecendo os recursos do menu Paint das câmeras



# LUZ & CENA

Fevereiro 2013

foto capa: Image4U



24

capa

Festival de Verão Salvador 2013

Vídeo mapping e novo projeto de iluminação marcam 15ª edição do evento

por Louise Palma

EDITORIAL .....	4
PRODUTOS .....	6
DESTAQUE .....	10
EM FOCO .....	12
MEDIA COMPOSER .....	42
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA PARA VÍDEO....	44
ILUMINANDO .....	52



14

holofote

Rodrigo Belay, lighting designer

por Louise Palma



16

entrevista

Em um bate-papo descontraído, Abel Gomes discorre sobre sua carreira e sua forma de lidar com o trabalho

por Rodrigo Sabatinelli



32

show

Luz assimétrica é destaque em novo show de Ivete Sangalo

por Rodrigo Sabatinelli



56

galeria

Sonho construído por ladrilhos

por Bia Aparecida



EDITOR  
MARCIO TEIXEIRA  
(marcio@luzecena.com.br)

GERÊNCIA FINANCEIRA  
LUCINDA DINIZ

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO  
CRISTIANO MOURA, FARLEY DERZE,  
GLAUCO PAGANOTTI E LÉO MIRANDA.

REDAÇÃO  
FERNANDO BARROS,  
LOUISE PALMA E  
RODRIGO SABATINELLI  
(redacao@luzecena.com.br)

DIREÇÃO DE ARTE / DIAGRAMAÇÃO  
CLIENT BY - clientby.com.br  
FREDERICO ADÃO

PUBLICIDADE  
MÔNICA MORAES  
(monica@musitec.com.br)

ASSINATURAS  
KARLA SILVA  
(assinatura@luzecena.com.br)

DISTRIBUIÇÃO  
ERIC BATISTA

GRÁFICA EDITORA STAMPPA LTDA.

LUZ & CENA É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA  
EDITORA MÚSICA & TECNOLOGIA LTDA, CGC  
86936023/0001-50, INSC. MUN. 01644696 E  
INSC. EST. 84907529

ASSINATURAS  
EST. JACAREPAGUÁ, 7655 SL. 704/705  
JACAREPAGUÁ – RIO DE JANEIRO – RJ  
CEP: 22753-900  
TEL/FAX: (21) 3079-1820  
(21) 3579-1821  
(21) 3174-2528  
E-MAIL: ASSINATURA@LUZECENA.COM.BR  
WEB SITE: WWW.LUZECENA.COM.BR

NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL  
DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NESTA REVISTA.

LUZ & CENA NÃO SE RESPONSABILIZA PELO CON-  
TEÚDO DOS ANÚNCIOS VEICULADOS.

# FUGINDO DO LUGAR-COMUM

Se a arte eleva a alma, me pergunto os efeitos da arte única, que quebra regras, que dá os ombros para os padrões, que abraça o desconhecido, o inexplorado. Que coloca pulgas atrás das nossas orelhas. Ah, sim, essa é a arte mais me interessa, particularmente. Acho que passo todos os dias da minha vida querendo ser surpreendido, e quando o assunto é show, música, filme, mais ainda.

Quando vemos, por exemplo, a assimétrica luz da nova turnê da Ivete Sangalo ou o belo trabalho de vídeo mapping no Festival de Salvador, surge a confortável certeza de que, por aí, há muita gente que se alimenta do novo, que não se satisfaz com as mesmas fórmulas de sempre. E isso é bastante bom também por fazer surgir a expectativa por mais e mais quebras de padrões, por mais e mais surpresas artísticas e tecnológicas a cada esquina, a cada show, a cada obra do homem em busca da expressão definitiva. Definitiva por enquanto. Ainda bem.

Quem imaginou que, um dia, a linguagem “nervosa”, veloz, até meio confusa – é verdade – dos videoclipes se tornaria tão comum e migraria até para os filmes? Alguém teve que, pela primeira vez, fazer todos aqueles cortes, trabalhar com um milhão de ângulos, e, ao mesmo tempo, oferecer um “quê” de leveza, de bom humor, para estabelecer uma nova forma de arte audiovisual. Alguém foi o primeiro.

Vale ressaltar que não dá pra dizer ao certo se foram os responsáveis pelos *talkies* (curtas musicais) americanos da segunda metade dos anos 20 ou se foram os diretores dos filmes dos Beatles ou dos vídeos do Peter Gabriel os primeiros a fazer com que os clipes se tornassem o que são hoje, pelo menos dá pra apontar, com certeza, Guy Ritchie como um dos pioneiros dessa linguagem inovadora no universo cinematográfico. *Jogos, Trapaças e Dois Canos Fumegantes* e *Snatch - Porcos e Diamantes* não me deixam mentir. *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, como todos sabem, bebeu nessa mesma fonte.

E qual é a conexão entre a ideia de clipe e os shows atuais? Hoje, é normal se sentir parte de verdadeiros *music videos* quando “dentro” de determinados shows. O conceito, a luz frenética, o som acachapante, e tudo numa velocidade extrema, dissolvem o antigo caráter mambembe das apresentações e dão as boas-vindas a um mundo bem mais interessante visualmente. Pelo menos pra quem foi praticamente “criado” pela Mtv. Caso deste que vos fala.

Caminhando juntos, o desejo de fuga do lugar-comum, a tecnologia sem freio e a democratização da produção audiovisual nos reservam muitas alegrias e verdadeiras revoluções a curto prazo. Quem viver, verá.

Marcio Teixeira



leonidafremov.deviantart.com

*Night Dreams*, de Leonid Afremov

## Poema em 12 estrofes

No artigo passado eu mencionei que escreveria sobre o modo como medi o tempo com base na relação entre o homem e a cidade noturna, que resultou em 12 atos... ou 12 momentos, 12 tempos noturnos, 12 tempos de luz. Nós e nossos ancestrais das cavernas pudemos experimentar a noite, isto é, o horário noturno. Há muitas noites espalhadas no planeta: noites nas montanhas, noites nos oceanos, nas geleiras dos pólos, no fundo do mar, acima das nuvens, nos cemitérios, nos vilarejos rurais, nas esquinas dos subúrbios, nos pontos turísticos urbanos, no quarto na hora de dormir, no Natal, no Ano Novo, nas poesias e canções.

Há mais ou menos um ano faço fotos diurnas e noturnas de vários espaços e edificações das cidades por onde

passo. Fotografo uma rua, uma ponte, uma fachada, um edifício na forma em que se encontram iluminados pela luz do sol, e retorno aos lugares para fotografá-los do mesmo ângulo na forma em que se encontram iluminados pela luz artificial. Quando comparo as imagens, vejo como há diferenças na aparência visual dos espaços, das formas e dos volumes, porque estão iluminadas de uma maneira à luz do dia, e de outra quando a noite vem. Conclusão: há duas cidades numa só. Existe a cidade diurna e existe a cidade noturna. A cidade noturna é o tema daqueles doze tempos de luz, uma espécie de relógio psicológico noturno da humanidade. Abra-se a janela do tempo para que vejamos a noite passar ao longo dos séculos como se fosse um poema da sociedade composto de doze estrofes que

falam sobre o fogo, o sagrado, o medo, a proteção, a iluminação pública, o romance, a tecnologia, o mundo moderno, a noite como obra de arte, a cidade como um mapa de luz, a vedete tecnológica, a noite na era digital. São estrofes que descrevem as experiências psicológicas desenvolvidas nas noites de cada época, das noites ancestrais às noites do século 21.

## 1ª ESTROFE: O FOGO

Estamos há 100 mil anos atrás, na era paleolítica, quando nossos ancestrais viviam em cavernas. Eu reconheço que falar na existência de cidades naquela época é tornar esse texto um alvo fixo para críticas, se o conceito de cidade tem origem na distribuição de edificações no espaço, em vez da distribuição dos homens que viviam em grupo e compartilhavam espaços. É como se o conceito de cidade tivesse origem nas pedras e não nas pessoas. Então, vamos evitar polêmicas e chamar de espaços os lugares onde se instalavam ou transitavam nossos ancestrais paleolíticos, e que em determinado momento se escureciam após o pôr-do-sol.

Como é viver sem luz? Como é não poder enxergar nas noites sem lua enquanto sons de toda espécie vêm como sinais de dúvida ou perigo para a sobrevivência? Penso que muitos de nós nunca tivemos essa experiência visual e psicológica porque nascemos em cidades encharcadas de luz artificial para quando a noite chega. Sequer fomos produtores das fontes de luz, mas tão somente consumidores das tecnologias de luz artificial. Mas a origem dessas tecnologias foi o fogo que nossos ancestrais aprenderam a conhecer e depois a produzir para iluminar seu horário noturno. Vitruvius (séc. I a.C.), o arquiteto e engenheiro do Império Romano, nos fez o grande favor de registrar um fenômeno natural que resultava na produção do fogo. Esse mesmo fenômeno deve ter sido observado por nossos ancestrais das cavernas em sua luta pela sobrevivência, em que a observação constante da natureza era uma necessidade. O que Vitruvius registrou foi a produção do fogo espontâneo na natureza em galhos de árvores no ambiente frio e seco europeu, quando ventos faziam

os galhos secos se agitarem e o contato de um galho com o outro durante uma ventania fazia com que brotasse uma fumaça e em seguida uma brasa no ponto de atrito entre eles. O mesmo vento servia ainda para potencializar aquela brasa que, ao despencar, incendiava a vegetação seca do solo, e o fogo podia, muitas vezes, se alastrar.



### A Lua: única fonte de luz durante a noite para muitos de nossos ancestrais

É possível que nossos ancestrais das cavernas – os homo erectus – também tenham testemunhado o mesmo fenômeno que ainda hoje é responsável por grandes incêndios florestais, de modo que da observação da natureza extraiu o aprendizado de como produzir o fogo. Depois, bastava atritar galhos secos que ele arrancava da árvore e friccioná-los com as mãos até surgir uma fumaça, já que o atrito produz calor, e com o sopro de sua boca fazer surgir as chamas de um minúsculo ponto em brasa.



### O homo erectus e a produção do fogo

Nunca mais suas noites seriam as mesmas, especialmente aquelas sem lua cheia, até então única fonte de luz disponível para lhe dar a visibilidade noturna do espaço onde vive. Com o fogo, mesmo as noites mais escuras podiam ser iluminadas por uma fogueira posta à entrada de sua caverna, ou pelos galhos em combustão que carregavam como tochas para favorecer a caça, lhe aquecer do frio, iluminar o caminho, lhe proteger das feras. Quando, em certa época do ano, o ar noturno trazia junto a umidade, era mais difícil de manter as tochas acesas. E, mais uma vez, a observação da natureza lhe traria uma nova lição, que resultou em um salto tecnológico para sua fonte de luz artificial: a gordura animal.

Nosso ancestral vai descobrir o valor energético da gordura animal para a preservação das chamas, ao mesmo tempo em que protege a madeira de sua tocha (um galho), porque as chamas vão “preferir” queimar primeiro a gordura que foi posta numa extremidade do galho antes de destruir aos poucos todo o corpo da tocha. Ele vai descobrir que, melhor do que as tochas,

era depositar a gordura sobre uma pedra. E essa pedra será a primeira lâmpada. Depois haverá outro salto tecnológico com o contato dos vegetais com o fogo. Talvez ele quisesse cozinhar alguns ou assar na fogueira uma raiz, uma planta, para descobrir o valor energético dos óleos vegetais que vão ser usados como outra fonte de energia para as chamas, além da gordura animal.

Ele vai perceber que, de acordo com o óleo extraído dos vegetais, a luz terá também diferentes aromas. Óleo de girassóis, de amêndoas e de azeitonas foram alguns utilizados no Egito Antigo, no mundo grego e romano. A agricultura que surge por volta de 10.000 a.C. vai oferecer uma variedade de óleos que servirão para alimentar as chamas, e a agricultura oferecerá também um novo salto tecnológico quando o homem manipular o barro junto ao fogo para fazer potes que servirão para armazenar os grãos, a água, e potes menores que entrarão para a história como lâmpadas de argila. A vantagem



**Lâmpadas de argila com gravetos (no alto) e com pedaço de tripa ou couro animal servindo como pavio (abaixo): homem passou a controlar sua luz**

tecnológica será a possibilidade de ter mais tempo de luz acesa, já que basta moldar a argila para caber mais óleo do que na velha lâmpada de pedra, onde era menor a porção de gordura animal ou óleo vegetal.

Outra vantagem das lâmpadas de argila será a diversidade de formatos, portanto, a variedade no design. Conclusão: é a lâmpada como objeto de arte. E outro salto tecnológico derivado da lâmpada de argila será a invenção do pavio, que trará mais economia dos materiais, que, até então, eram postos para queimar de uma vez sobre pedras ou dentro da concavidade das lâmpadas de argila. Um pavio ficará imerso em óleo e a chama será controlada por esse pavio de onde evapora o óleo que queima e produz luz.

As velas surgem por volta de 3.000 a. C., encontradas no Egito Antigo e na Grécia Antiga feitas de pavios embutidos dentro de bastões de gordura animal. Nos templos cristãos medievais, as velas mais usadas eram feitas de cera de abelha, cujo aroma inundava o interior do templo. Nessa mesma época, o vidro, o metal e o papel servirão de recipientes para abrigar a chama: serão as luminárias no mundo egípcio, grego, romano, medieval, que iluminará os interiores onde os homens se abrigavam, já que ainda viam os espaços externos imersos na escuridão quando a noite caía. Assim, a noite será iluminada artificialmente de dentro para fora, isto é, da casa para a rua. Bastou redimensionar a luminária e a quantidade de óleos e materiais para a combustão, de modo a se pensar na iluminação de ruas onde houvesse maior concentração de residências ou prédios governamentais.

Encontrei um livro que registra o ano de 1669, em Amsterdã, Holanda. Nele, se fala da preocupação do homem em iluminar um espaço público com auxílio de um poste. É como se fosse o aperfeiçoamento daquele galho de árvore paleolítico com uma chama na extremidade. A chama foi a fonte de luz artificial que o homem usou desde os tempos das cavernas até que a lâmpada elétrica surgisse, em 1808, inventada pelo químico inglês Humphrey Davy. Da lua, que figurava



### **O fogo: transformador de ambientes e do próprio homem**

como única fonte de luz nas noites de nossos ancestrais, até que aprendessem a produzir o fogo, assistimos a intervenção do homem, que transformou visualmente o seu espaço noturno ao mesmo tempo em que este homem também foi transformado desde que uma chama se acendeu na escuridão da noite.

## **Pausa para uma xícara de chá**

Gostaria de recomendar os seguintes filmes para se observar a presença do fogo como fonte de luz artificial:

- *Cleópatra* (1963)
- *A Guerra do Fogo* (1981)
- *Lutero* (2003)
- *A Paixão de Cristo* (2004)